Saúde Informa

Boletim Informativo da Faculdade de Medicina da UFMG

Nº 46 - Ano V - Belo Horizonte, Junho de 2015

Vítimas de armas de fogo

No Brasil, mais de 20% dos óbitos por causas externas são causadas por armas. Estudo traça perfil das vítimas, em sua maioria, homens jovens.

Página 3

SUS
Sistema Público em risco
4

INCLUSÃO
Uso de nome social por pessoas trans é aprovado
5

MANUELZÃO
Arte e cultura no Festivelhas 2015
6

foto: freeimages.com

Editorial

A 46ª edição do Saúde Informa destaca estudo desenvolvido na Faculdade de Medicina da UFMG que analisa perfil das vítimas de violência por armas de fogo, a partir de dados coletados no município de Sete Lagoas, na região central de Minas Gerais. No Brasil, mais de 20% dos óbitos por causas externas são causados por armas. De acordo com o estudo, a maioria das vítimas são homens jovens.

Outra pesquisa busca conhecer perfil dos trabalhadores antes da aposentadoria para estudar permanência de idoso no mercado. A dissertação sugere a necessidade de desenvolver políticas de emprego e aposentadoria e programas para otimizar a participação dos idosos na sociedade.

Em junho, o Colegiado de Medicina aprovou o uso de nome social em documentos acadêmicos por pessoas trans, definição partiu de mobilização de estudantes do Diretório Acadêmico Alfredo Balena (DAAB). Saiba mais sobre a medida e outras ações afirmativas do DAAB em matéria neste jornal.

A professora Eli Iola, líder do Grupo de Pesquisa em Economia da Saúde da UFMG, analisa o momento atual do Sistema Único de Saúde (SUS) e as mudanças propostas pelo Congresso Nacional, que podem mudar os rumos e a proposta do SUS.

Ainda nesta edição, saiba mais sobre a programação do 5º Festivelhas, festival promovido pelo Projeto Manuelzão que busca privilegiar artistas locais da bacia do Rio das Velhas, e conheça o CMD Master, time de futebol composto por médicos formados na UFMG que disputa, em julho, o segundo torneio internacional.

Boa leitura!

Professores Eméritos

Os professores da Faculdade de Medicina da UFMG Aroldo Fernando Camargos, do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia, e Francisco José Penna, do Departamento de Pediatria, receberam, em junho, o título de Professor Emérito da UFMG. A homenagem é conferida a docentes aposentados que tiveram destaque em sua trajetória acadêmica.

Aroldo Camargos aposentou-se em 2011, após 33 anos de dedicação à carreira universitária. Na graduação, ministrou todas as disciplinas do Departamento e deu nome à turma 131, formada em 2012. Coordenou o curso de pós-graduação em Ginecologia e Obstetrícia da UFMG e fundou o Laboratório de Reprodução Humana. Foi representante em órgãos colegiados e comissões, assessor da CAPES e do CNPq.

Publicou mais de uma centena de artigos em periódicos, 57 capítulos de livros e 171 resumos publicados em anais de congressos. É autor de três livros didáticos em Ginecologia e Obstetrícia, incluindo Ginecologia Ambulatorial, obra referenciada e difundida em cursos de graduação de todo o país. Hoje, o Laboratório de Reprodução Humana leva o seu nome, e é o único centro em Minas Gerais que oferece tratamentos de Reprodução Humana Assistida para pacientes do Sistema Único de Saúde.

Francisco Penna dedicou 44 anos à Faculdade e atualmente é vice-diretor do Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (Nupad). Segundo o professor, ele teve participação em todas as áreas da Universidade. Foi diretor da Faculdade de Medicina por dois mandatos (2006/2010 e 2010/2014) juntamente com o atual diretor, professor Tarcizo Nunes, à época vice-diretor; coordenou o Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente; chefiou o Serviço de Pediatria do Hospital das Clínicas da UFMG.

O professor participou no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e em outros órgãos colegiados. Foi membro das Câmaras de pesquisa e pós-graduação, publicou nove livros e dezenas de artigos em periódicos e teve participação nas mudanças curriculares do curso de Medicina.

Publicação

Dermatologia – Volume 2

Revisado pelo professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG, Antônio Carlos Martins Guedes, o livro "Dermatologia – Volume 2" está em sua terceira edição.

A publicação traz 3.500 ilustrações, 1.400 a mais que na edição anterior, e inclui imagens clínicas, lâminas histopatológicas e diagramas que visam facilitar a compreensão dos casos clínicos.

Diagramas com os princípios da biologia da pele e da cirurgia cutânea também compõem a obra, e fotomicrografias demonstram os principais achados histológicos intercalados nos capítulos clínicos, que contêm tabelas com diagnósticos diferenciais ponderados e abordagem escalonada para intervenções terapêuticas. **Editora Elsevier.**

Expediente

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – **Diretor**: Professor Tarcizo Afonso Nunes – **Vice-Diretor:** Professor Humberto José Alves **Coordenador da Assessoria de Comunicação Social**: Gilberto Boaventura (MG 04961JP) – **Edição:** Mariana Pires – **Redação**: Jornalista: Larissa Rodrigues, Renato Crispiniano **Estagiários**: Caroline Morena, Deborah Castro, Filipe Elias e Karen Costa. **Projeto Gráfico**: Ana Cláudia Ferreira de Oliveira e Leonardo Lopes Braga. **Diagramação**: Luiz Romaniello - **Atendimento Publicitário**: Desirée Suzuki – **Impressão**: Imprensa Universitária – **Tiragem**: 1500 exemplares – Circulação mensal **Endereço**: **Assessoria de Comunicação Social, Faculdade de Medicina da UFMG**, Av. Prof. Alfredo Balena, 190 / sala 55 - térreo, CEP 30.130-100, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – **Telefone**: (31) 3409-9651 – Internet: www.medicina.ufmg.br; facebook.com/medicinaufmgoficial; www.twitter.com/medicinaufmg e jornalismo@medicina.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

Estudo traça perfil das vítimas de armas de fogo

Jovens do sexo masculino são os principais atingidos

Karen Costa

No Brasil, as causas externas, como acidentes e violência, ocupam o terceiro lugar na mortalidade geral. Dentro das causas externas, as agressões são a primeira causa de óbito, sendo que a agressão por disparo de arma de fogo ou arma não especificada ocupa o primeiro lugar na mortalidade. Visando combater o problema, o país realizou nos últimos anos ações como o Estatuto de Desarmamento, de 2003. Mas para a autora de um estudo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG, é necessário ainda conhecer as vítimas de violência por armas de fogo. "Traçar um perfil é essencial para descobrir as causas e trabalhar na prevenção", explica Bianca Santana Dutra. Ainda para Bianca, essas mortes são totalmente evitáveis, e merecem uma discussão ampla em todos os setores no âmbito da promoção e prevenção.

Realizada no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) de Sete Lagoas e região, a pesquisa analisou 288 atendimentos a ferimentos por armas de fogo entre janeiro de 2010 e dezembro de 2013. Entre as vítimas, 87,8% eram homens com faixa etária de até 27 anos. "As lesões predominantes foram na cabeça, pescoço e tronco, e tem grande potencial de levar ao óbito, já que podem envolver órgãos vitais", destaca a pesquisadora.

Perfis das vítimas

Baseada nos dados colhidos em campo, foram traçados quatro grupos de vítimas de violência por armas de fogo. Para Bianca, o que mais chamou a atenção foi o das mulheres que sofreram violência nos finais de semana durante a madrugada. "Por que essas mulheres estão sofrendo lesões nos finais de semana e na madrugada: será que é porque ela tem mais contato com o agressor?", questiona.

Dois grupos demonstraram que a triagem do atendimento móvel às vítimas é feita adequadamente: vítimas que sofreram escoriações e ferimentos nos membros inferiores foram acolhidas por Unidades de Suporte Básico (USB), responsáveis em atender as pequenas lesões; e vítimas que foram a óbito com lesões de cabeça e pescoço tiveram o socorro de Unidades de Suporte Avançado (USA), específicas a casos mais graves.

A autora explica que esse atendimento pré-hospitalar começa num chamado, por telefone, e a partir da descrição da situação um médico regulador envia uma ambulância, conforme a gravidade. "Mas pode haver ainda uma interceptação, quando uma USB, que é tripulada por técnicos de enfermagem e socorristas, percebe a necessidade de um enfermeiro e médico, que atuam na USA", acrescenta.

O último grupo de perfil apresentou o maior número de variáveis e inclui homens de todas as faixas etárias, que sofreram ferimentos perfurantes no tronco em dias úteis à tarde e à noite.

Políticas de prevenção

"Infelizmente as políticas de desarmamento, ações de vigilância e de prevenção da criminalidade têm se mostrado insuficientes para diminuir esse tipo de violência", opina Bianca Dutra. Para ela, é necessário buscar estratégias que diminuam a força dos determinantes sociais ligados a esse fenômeno, como o uso de drogas. "Temos também que incentivar o protagonismo juvenil e desenvolver ações de promoção da saúde", diz.

A autora destaca que as redes de proteção das vítimas pós-violência podem ser trabalhadas a partir dos resultados do estudo, além de elaborar estratégias educativas e de controle, tanto do setor de saúde quanto da segurança pública. "Precisamos, então, de políticas voltadas à mulher, ao homem e, principalmente, voltada à prevenção", conclui.

Infográfico: Juliana Guimarães

Título: *"Vítimas de agressões por arma de fogo atendidas pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de um município mineiro"*
Nível: *Mestrado*
Autora: *Bianca Santana Dutra*
Orientadora: *Marta Maria Alves da Silva*
Programa: *Promoção da Saúde e Prevenção da Violência*
Defesa: *16 de dezembro de 2014*

Sistema Único de Saúde em risco

Para defensores do SUS, recentes mudanças deliberadas pelo Congresso Nacional podem colocar fim no maior sistema público de saúde do mundo

Deborah Castro

O Sistema Único de Saúde (SUS) garante a todos os brasileiros o acesso às ações e serviços de saúde de forma ampla, desde 1988. Até então, apenas trabalhadores de carteira assinada e contribuintes da Previdência Social tinham acesso a essa assistência, ainda que aquém do que é ofertada atualmente. De acordo com a professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG, Eli Iola Gurgel, líder do Grupo de Pesquisa em Economia da Saúde da UFMG (GPES), diante das ações do Congresso Nacional, é possível que haja um retrocesso nesse ponto.

Para atender a uma população grande e diversa como a do Brasil, o SUS precisaria ser muito bem estruturado e, portanto, bem financiado. Mas, segundo Iola, isso nunca aconteceu. "Na época da Constituição, estabeleceu-se um orçamento da seguridade social que garantia a saúde, a previdência e assistência. Este orçamento nunca foi gasto integralmente para tal", relata. "Então, houve a ideia de criar um imposto específico para a Saúde, chamado CPMF, que, infelizmente, também não foi usado integralmente para seu objetivo", continua.

A professora ainda declara que nunca houve recurso regular porque, desde a década de 80, cresceu no Brasil um sistema privado de prestação de serviço de saúde. "Esse sistema disputa com o SUS o financiamento e a clientela, e divide os políticos entre investir ou não na estruturação do SUS", argumenta. "Hoje, vivemos um momento em que os interesses privados estão agindo de forma concentrada e combinada para restringir a ampliação do sistema público", pontua.

Emendas Constitucionais e novos desafios

Em fevereiro deste ano a Câmara dos Deputados aprovou a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 358/13, que institui o Orçamento Impositivo. A alteração afeta a metodologia do financiamento do SUS e reduz os recursos federais destinados à saúde pública. "Temos estudado as consequências desta PEC e percebemos que, só no primeiro ano, a cotação para a Saúde diminuiu cerca de oito bilhões de reais com a nova aplicação estabelecida", explica Iola.

Além disso, a PEC obriga a União a repassar cerca de 1,2% do orçamento destinado à Saúde para às emendas parlamentares individuais de cada deputado. Ou seja, são eles que dirão o que será feito para a Saúde com estes recursos, sem o controle do Ministério da Saúde. "Este gasto pode gerar mais desigualdades no sistema, já que um político pode achar que fazer um hospital na sua cidade seja a melhor aplicação. É preciso grande responsabilidade para priorizar o interesse público e não a base eleitoral", ressalta.

"Recentemente o presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha, lançou a PEC 451, que obriga a todo empregador oferecer plano de saúde", conta Iola. Segundo ela, 78% destas pessoas com planos têm os coletivos por adesão, que dá o direito de terem assistência apenas enquanto forem empregadas. "Ele está querendo transformar o direito ao plano de saúde em lei, universalizando os planos para os trabalhadores ao invés de universalizar o direito de todos à saúde. Isto irá fortalecer estas fornecedoras, pois irão vender um produto que as empresas serão obrigadas a comprar", salienta.

Foto: Deborah Castro

Eli Iola Gurgel é líder do Grupo de Pesquisa em Economia da Saúde da UFMG

"É preciso grande responsabilidade para priorizar o interesse público e não a base eleitoral" (Eli Iola Gurgel)

Apreensão e defesa do SUS

"As medidas do Congresso geram preocupações, pois junto das restrições de financiamento foi aprovada a abertura do capital estrangeiro para atuar na área da Saúde, quase que de forma irrestrita", declara Eli Iola. Ela acredita que, desta forma, vai haver o fortalecimento dos interesses privados de saúde no país, prejudicando ou aniquilando o maior sistema público do mundo, que atende a população de 200 milhões de pessoas desde a atenção básica, como vacinas, até os transplantes. "Hoje o que falta ao SUS é justamente o que os planos de Saúde oferecem com facilidade. A minha pergunta é: será que as pessoas estão sendo assistidas nos planos na hora que precisam e de modo adequado?", questiona. Ela também lembra que as 50 milhões de pessoas com plano de saúde são as líderes em reclamação de assistência. "Atualmente há dois sistemas e em algum momento precisamos escolher em qual iremos apostar nossas fichas, a nossa vida e a nossa saúde", conclui.

Estudantes e professores unidos por direitos de pessoas trans

Colegiado de Medicina aprova uso de nome social em documentos acadêmicos

Caroline Morena

Foto: Bruna Carvalho

Yanca, ao centro, com equipe do DAAB.

Em iniciativa pioneira, o Colegiado do curso de Medicina da UFMG aprovou, em junho, o uso do nome social por pessoas transgêneras, travestis e transexuais, em documentos acadêmicos. A decisão assegura aos alunos que fizerem a solicitação a alteração de crachás, listas de chamada, matrículas, jalecos e diplomas.

O posicionamento é fruto da mobilização de alunos membros do Diretório Acadêmico Alfredo Balena (DAAB), que apresentaram a pauta para votação em reunião ordinária do Colegiado do curso. O coordenador do movimento estudantil, Erickson Gontijo, conta que durante a reunião alguns questionamentos foram esclarecidos. "Muitos conselheiros desconheciam a questão, o que é extremamente comum. Ainda há uma confusão nos termos e sobre o próprio significado do nome social. Expliquei o que é, qual a importância, e a sensibilização foi muito boa", explicou. A medida, então, foi levada à votação e aprovada por unanimidade.

Atualmente, o que compete à Unidade, como a confecção de crachás e jalecos, além do uso dos banheiros de acordo com o gênero de identificação da pessoa, já é garantido ao público trans. O que se firmou foi o posicionamento ativo do órgão colegiado favorável a resolver quaisquer questões perante o Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DRCA) da UFMG. Os diplomas, por exemplo, são confeccionados pela Unidade e, havendo solicitação do aluno, será colocado seu nome social. No entanto, o documento precisa ser aprovado pelo DRCA, por isso o Colegiado já se prontifica a solucionar qualquer problema que surja nessa etapa. "Nesse momento, se o DRCA for contra, o diploma será confeccionado com o nome social, se for da vontade da pessoa, sendo o nome de registro fixado na parte inferior. Caso ainda haja alguma contestação, vamos usar todos os mecanismos pra garantir que isso seja aceito", explica a coordenadora do curso de Medicina, Alamanda Kfoury. Ela ressalta que a posição do Colegiado, unânime, é que o órgão aprove ações afirmativas de inclusão de gênero de modo geral e no tocante a documentos acadêmicos, em especial o diploma, que representa a chancela da pessoa ao mundo do trabalho.

Antecipação

Erickson explica, também, que ainda não houve demandas desse tipo na Faculdade de Medicina. A iniciativa de adiantar essas resoluções a adotar medidas afirmativas e inclusivas está relacionada ao papel da instituição perante a sociedade. "A gente lida com saúde e educação o tempo todo, e somos referência para todo o país. Então, mesmo que não haja nenhuma demanda desse tipo nos próximos anos, é preciso garantir a comodidade para todas as pessoas que procurarem a instituição. Elas precisam saber que esse é um posicionamento político, que estamos abertos a receber todas as pessoas", argumenta.

DAAB

Além da formalização do uso do nome social, o Diretório Acadêmico vem desenvolvendo uma série de outras iniciativas no intuito de sensibilizar e dar visibilidade às pessoas transexuais e travestis. No início do ano foi aberto um processo de seleção para uma vaga de estágio exclusiva para esse público. Ao todo foram recebidos 15 currículos. A selecionada para o cargo foi Yanca Arruda Gandra, graduada em Letras na cidade de Belém, no estado do Pará, com pós-graduação em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, pela UFMG.

Yanca conta que se candidatou à vaga pois, mesmo com formação superior, ainda encontra dificuldade de entrada no mercado de trabalho formal fora da Universidade. "Sempre tive dificuldade, principalmente antes da graduação. Quando comecei a buscar trabalho como transexual, praticamente nunca tive as portas abertas", conta.

Multiplicação

Para Yanca, a iniciativa do DA é importante por abrir espaço para um leque de pessoas que, geralmente, são ignoradas. "Abrir pra um público que está marginalizado e que não imagina que poderia um dia estar aqui dentro muda inclusive a forma da própria pessoa se enxergar" ressalta. Ela defende também que atitudes como essa deveriam partir dos diversos setores da sociedade, pois as demandas existem e são urgentes. "O abandono vem desde a infância. As pessoas trans então são lançadas à própria sorte e vão tentando sobreviver", lamenta.

A expectativa é de que, seguindo a iniciativa do DAAB, outras organizações estudantis também abram vagas de estágio exclusivas para o público trans. "Então o objetivo maior, que é o de multiplicar esse espaço, a gente já conseguiu", afirma Erickson Gontijo.

"Cultura da escassez" é tema da 5ª edição do Festivelhas

Festival promovido por Projeto Manuelzão busca privilegiar artistas locais da bacia do Rio das Velhas

Renato Crispiniano

A quinta edição do Festivelhas, festival de arte e cultura promovido pelo Projeto Manuelzão, criado na Faculdade de Medicina da UFMG, será no próximo dia 4 de julho, sábado, de 9h às 22h, no Parque Ecológico da cidade de Itabirito. A entrada é franca.

A programação, que inclui música, prosa, poesia e dança, este ano, gira em torno do tema "Cultura da escassez". Para o coordenador do Projeto e professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade, Marcus Vinícius Polignano, o Manuelzão sempre se empenhou em "mudar o paradigma de progresso sem conservação, que aniquila as veredas e a fauna das Gerais, desfigurando suas características naturais e o modo de vida dos povos que habitam a região do Velhas". Para ele, a cultura da preservação é parte fundamental do Projeto que, desde seu surgimento, anunciou que a revitalização da bacia do rio das Velhas depende da construção de novos imaginários. "Nosso objetivo é fazer da cultura o motor da mudança de mentalidade, através de um movimento cultural que convoque as populações ribeirinhas a se manifestarem usando a arte como linguagem", esclarece.

Foto: Acervo Projeto Manuelzão

Festivelhas propõe transformação social através da arte

A edição do Festivelhas 2015 tem como objetivo resgatar o movimento sociocultural da bacia, integrando povos e pensamentos através da arte e cultura na busca da transformação da mentalidade em tempo da escassez hídrica. A proposta é criar condições que favoreçam novas perspectivas para a bacia do rio das Velhas e por meio deste movimento cultural, transitar do particular ao universal, compreendendo os determinantes culturais da relação socioambiental, propondo novos paradigmas. "Nosso desejo desde o início foi reunir a bacia e num pensamento único fortalecer os laços que nos unem para transformá-los em projetos e propostas em prol da coletividade", reforça Polignano.

História

A partir da experiência das Expedições 2003 realizadas por água, o Projeto Manuelzão desenvolveu a proposta de organizar um movimento cultural que acompanhasse, por terra, a viagem dos caiaqueiros. Das muitas aventuras, o movimento precisava também convocar as populações ribeirinhas e diversos atores da bacia a se reunirem e manifestarem pacificamente, usando a arte como principal linguagem.

Daí surgiu o Festivelhas, que desde sua primeira edição, em 2005, procura unir a bacia hidrográfica do rio das Velhas em um momento de descontração e reflexão sobre o futuro. Desde sua concepção o festival tem o propósito de fortalecer ações culturais condizentes com o imaginário que povoa a bacia, condicionando essa rede cultural a permanentes trocas de experiências, difusão de informações e ações propositivas.

Transformação e diversidade

"Centenas de artistas, escritores, dançarinos, violeiros, contadores de histórias, homens e mulheres de toda a bacia se reuniram no primeiro Festivelhas em Morro da Garça, em 2005, que procurou demonstrar a diversidade cultural da bacia. No Festivelhas Jequitibá, em 2007, fortalecemos os debates e procuramos sinalizar a riqueza do passado através do folclore presente em todas as regiões da bacia. Já o Festivelhas 2009 foi itinerante, e aconteceu durante a expedição pelo rio das Velhas naquele ano. O objetivo foi sensibilizar todas as comunidades da bacia para o processo de revitalização proposta pela Meta 2010", lembra Polignano.

Seguindo essa trajetória de transformação pela arte, a quarta edição do festival aconteceu em Belo Horizonte, em 2011, e focou no "teatro do absurdo", as ações antrópicas insustentáveis movidas por um modelo econômico sem preocupação com a gestão ambiental. "Passada a Meta 2010-2014 é necessário estabelecer novos rumos e metas a serem alcançadas", reforça Polignano.

Confira a programação

manuelzao.ufmg.br ou cbhvelhas.org.br

(31) 3409 9818

Idoso ativo na sociedade e mercado de trabalho

Pesquisadora busca conhecer trabalhadores adultos para estudar permanência de idoso no mercado

Deborah Castro

Estudo desenvolvido na Faculdade de Medicina da UFMG aponta que a escolaridade e a autoavaliação da saúde foram os fatores mais consistentemente associados à condição de ter trabalho remunerado entre homens e mulheres com idade de 50 a 69 anos. Ou seja, homens e mulheres na faixa etária de transição para a aposentadoria apresentaram escolaridade igual ou superior a oito anos de estudo e não perceberam sua saúde como ruim.

Diante dos desafios oriundos do envelhecimento populacional, a fisioterapeuta Camila Castro, autora da dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, acredita na necessidade de conhecer os fatores relacionados à permanência do idoso no mercado de trabalho. "É relevante entender quais fatores estão associados para que possam ser propostos programas e políticas para incentivar o idoso a trabalhar e se manter ativo na sociedade", afirma Camila, também especialista em geriatria e gerontologia.

Foi com essa motivação que ela avaliou os fatores sociodemográficos e os indicadores de saúde associados ao trabalho remunerado, indicando a diferença entre os gêneros. Para isto utilizou uma amostra probabilística de 3.320 indivíduos com idade entre 50 a 69 anos, residentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

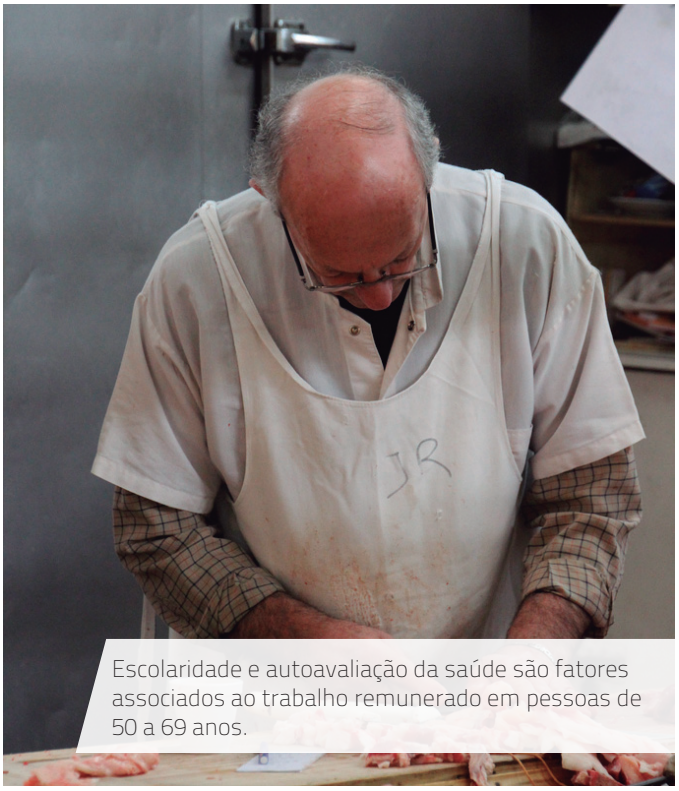

Foto: stockphotos.io

Escolaridade e autoavaliação da saúde são fatores associados ao trabalho remunerado em pessoas de 50 a 69 anos.

Métodos e resultados

Para a dissertação, Camila Castro utilizou como banco de dados o Inquérito de Saúde da Região Metropolitana de Belo Horizonte, conduzido entre maio e junho de 2010. As variáveis incluíram características sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade, local de residência e situação conjugal); indicadores de saúde (presença de doenças crônicas e autoavaliação da saúde); e os comportamentos em saúde (consumo abusivo de álcool, tabagismo atual e prática de atividade física). Também considerou a discriminação no ambiente de trabalho.

Além dos mencionados anteriormente, a pesquisa apresentou como resultado a menor prevalência de trabalho remunerado para homens e mulheres sedentários e maior prevalência para quem faz consumo abusivo de álcool. "A associação em relação ao álcool tem que ser analisada como um comportamento cultural, tendo em conta a heterogeneidade dos modos de consumo e das razões, crenças, valores, rituais e estilos de vida", destaca Castro. "Nossos resultados reforçam a necessidade de medidas de prevenção primária, sugerindo que o consumo abusivo de álcool deva estar na pauta das atividades de saúde do trabalhador", completou.

Já em relação às principais diferenças entre gêneros, foram encontradas associações somente para as mulheres. A fisioterapeuta encontrou maior prevalência de trabalho remunerado em mulheres que não têm cônjuge em comparação às que têm; e em mulheres que conhecem alguém que tenha sido discriminado no ambiente de trabalho em comparação às que não conhecem. "Nossos resultados corroboram estudos anteriores que mostraram maior frequência do trabalho remunerado entre mulheres que não têm cônjuge, ao passo que essa associação inexiste ou é o oposto entre os homens", declara.

Implicação dos resultados

Segundo Camila, a pesquisa mostra que é uma realidade o idoso da região metropolitana de BH permanecer trabalhando após a idade legal de aposentadoria, independente do motivo. E que essa mudança traz boas consequências tanto para os indivíduos quanto para a sociedade. Para ela, esse fato também revela a necessidade de desenvolver políticas de emprego e aposentadoria e programas para otimizar a participação dos idosos na sociedade. "Programas de promoção de saúde e prevenção de doenças e educação de qualidade devem estar disponíveis para todas as faixas etárias, com o objetivo de se ter idosos cada vez mais saudáveis e com maior nível de escolaridade", destaca.

Título: *Condições de saúde e aspectos sócio demográficos associados ao trabalho remunerado entre homens e mulheres na faixa etária de 50-69 anos*
Nível: *Mestrado*
Autora: *Camila Menezes Sabino de Castro*
Orientadora: *Maria Fernanda Furtado de Lima e Costa*
Programa: *Saúde Pública*
Defesa: *4 de fevereiro de 2015*

Da Faculdade de Medicina para o mundo

Ex-alunos de Medicina disputam campeonato de futebol na Irlanda

Filipe Elias

Foto: Arquivo Pessoal

Equipe do CMD Master nos Medigames da Croácia, em 2010

No mês de julho a equipe de futebol do Conclave Médico Desportivo Master (CMD Master), formada por ex-alunos da Faculdade de Medicina da UFMG, participará da 36ª edição do World Medical and Health Games (Medigames). Realizado na cidade de Limerick, na Irlanda, o evento busca aproximar profissionais de saúde do mundo todo em um momento de reflexão sobre a prática da medicina e de confraternização por meio do esporte.

O CMD Master foi criado por médicos formados na UFMG, em meados de 2004, interessados em continuar jogando futebol. "Aqui todos somos fanáticos por futebol. Somos um grupo de amigos, formados na Faculdade de Medicina da UFMG, que têm vínculos e relacionamentos pessoais fortes e se encontram semanalmente para jogar bola. Acabamos nos tornando uma família", conta o ortopedista Rodrigo Lazzarini, capitão do time. Alunos que se formaram em outros anos e participavam do Conclave Médico Desportivo (CMD) durante a graduação também procuram a equipe e são integrados ao grupo. Atualmente, cerca de 50 ex-alunos fazem parte da equipe, entre membros fixos e eventuais.

O CMD Master participa de torneios esportivos, muitos deles disputados por profissionais da área de saúde. A equipe já participou de uma edição anterior dos Medigames no ano de 2010, na Croácia, com uma equipe de 71 médicos desportistas. "Ficamos em 7º lugar em uma competição com equipes de vários países, a maior parte da Europa.

Neste ano o evento contará com a participação de equipes do oriente. Até onde sabemos é um título inédito para uma equipe brasileira e estamos nos esforçando para vencer". A participação no campeonato é levada a sério. A equipe treina com empenho e cada atleta busca a melhor forma física, o que contribui para a manutenção de uma vida saudável e ativa.

Para o futuro, o objetivo é ampliar o alcance e a integração do CMD Master com outras equipes de ex-alunos da UFMG. "Queremos fortalecer os vínculos com outras entidades e formalizar a atuação destas equipes" comenta Rodrigo Lazzarini. Assim, novas equipes podem ser formadas no futuro. A paixão pelo esporte continuará semeando saúde e amizades.

Conclave Médico Desportivo

O CMD foi fundado em 1996 com objetivo de fomentar a prática desportiva entre os alunos de graduação da Faculdade de Medicina da UFMG. "Atualmente contamos com equipes de esportes coletivos que treinam semanalmente. Estamos começando a trabalhar com esportes individuais como tênis de mesa e totó. Para participar, os alunos da Faculdade de Medicina da UFMG devem comparecer aos treinos e procurar algum dos líderes da equipe", informa o coordenador geral do CMD, Caio Melki.

Acesse a página do Conclave Médico Desportivo: cmdufmg.med.br

Uso Terapêutico de Tecnologias Assistivas

São 6 mil vagas oferecidas pelo Núcleo de Educação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da UFMG (Nescon), em quatro modalidades de cursos gratuitos para interessados em atuar na habilitação e reabilitação de pessoas com deficiência. O período de inscrições vai até 3 de agosto. nescon.medicina.ufmg.br

Festival de Inverno UFMG

Reflexões sobre a interseção entre os saberes tradicional e acadêmico e sobre a apropriação e transformação dos espaços da cidade e da universidade vão marcar a 47ª edição do Festival de Inverno, que será realizada, de 17 a 25 de julho, no campus Pampulha e em outros locais públicos de Belo Horizonte. ufmg.br

Revista da UFMG

Diversidade será o tema central da próxima edição da Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, que receberá artigos até 10 de agosto. As normas para publicação e envio podem ser acessadas em ufmg.br/revistaufmg.

Saúde Informa

IMPRESSO